



SEÇÃO: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO DE AUTORIA FEMININA

## A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em *Olhos d'água*

*Conceição Evaristo's escrevivência as a political-discursive strategy of resistance: a reading of the poetic-corporal-black fabric in Olhos d'água*

*La escrevivencia de Conceição Evaristo como estrategia político-discursiva de resistencia: una lectura del tejido poético-corporal-negro en Olhos d'água*

**Luciana Pimenta<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4758-1354](https://orcid.org/0000-0002-4758-1354)  
[pereirapimenta@hotmail.com](mailto:pereirapimenta@hotmail.com)

**Luísa Consentino de Araújo<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-0553-0495](https://orcid.org/0000-0002-0553-0495)  
[consentinoluísa@gmail.com](mailto:consentinoluísa@gmail.com)

**Maria Luíza Simplicio Rodrigues<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9099-0981](https://orcid.org/0000-0001-9099-0981)  
[malusimpliciord@gmail.com](mailto:malusimpliciord@gmail.com)

**Yanca Abreu Câmara<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-7282-0823](https://orcid.org/0000-0001-7282-0823)  
[yanca.camara@sga.pucminas.br](mailto:yanca.camara@sga.pucminas.br)

**Recebido em:** 25 mar. 2021.

**Aprovado em:** 29 jul. 2021.

**Publicado em:** 9 nov. 2021.

**Resumo:** Este artigo se propõe a analisar a poética de Conceição Evaristo – escrevivência – como performance de uma corporalidade negra, marcada por traumas e cicatrizes herdadas de uma cultura de colonização escravocrata. Objetivamos mostrar como a escrevivência opera uma contranarrativa em face de uma história monocultural e monorracional, alterando a perspectiva e o protagonismo das experiências e memórias narradas. Para tanto, adotamos como referente literário desta abordagem a obra *Olhos d'água*, cuja leitura e análise permitem concluir que a escrevivência é uma estratégia político-discursiva de resistência e promove a desconstrução de imagens e alteração dos lugares reservados aos corpos negros, sob perspectivas epistemicidas e eurocêntricas.

**Palavras-chave:** Escrevivência. Conceição Evaristo. Literatura afro-brasileira. Corpos negros. Resistência.

**Abstract:** This article proposes to analyze Conceição Evaristo's poetics – escrevivência – as a performance of a black corporality, marked by traumas and scars inherited from a culture of slavery colonization. We aim to show how the escrevivência operates a counter-narrative in the face of a monocultural and monorational history, changing the perspective and the protagonism of the narrated experiences and memories. To this end, we adopted as a literary referent of this approach the work *Olhos d'água*, whose reading and analysis allow us to conclude that the escrevivência is a political-discursive strategy of resistance and promotes the deconstruction of images and alteration of the places reserved for black bodies, from perspectives epistemicidal and eurocentric.

**Keywords:** Escrevivência. Conceição Evaristo. African-brazilian literature. Black bodies. Resistance.

**Resumen:** Este artículo propone analizar la poética de Conceição Evaristo – clerkship – como una actuación de una corporalidad negra, marcada por traumas y cicatrices heredadas de una cultura de colonización esclavista. Nuestro objetivo es mostrar cómo el dependiente opera una contranarrativa frente a una historia monocultural y monorracional, cambiando la perspectiva y el protagonismo de las vivencias y recuerdos narrados. Para ello, adoptamos como referente literario de este planteamiento la obra *Olhos d'água*, cuya lectura y análisis permiten concluir que el escribano es una estrategia político-discursiva de resistencia y promueve la desconstrucción de imágenes y alteración de los lugares reservados a los cuerpos negros, bajo perspectivas epistémicas y eurocéntricas.

**Palabras clave:** Escrevivência. Conceição Evaristo. Literatura afrobrasileña. Cuerpos negros. Resistencia.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, SP, Brasil.

## Introdução

Este texto tem muito começos. Nenhuma folha que se dedique, hoje, à literatura afro-brasileira começa em branco. Cada palavra emerge de uma história de colonização fortemente marcada pelo racismo impregnado e disseminado na e pela lógica da escravização. Os começos, no plural, são, no Brasil, vidas e vozes de corpos que se inscrevem e se celebram, desde sempre, nas frestas de um sistema que se pretendeu monocultural e monorracional, marginalizando estéticas e ontologias pluriversais, cometendo epistemicídios de toda sorte, contra negros (também indígenas e outros grupos), gozando a dor dos acorrentamentos, esquecimentos e da suposta frágil luz das lamparinas.

Não se pode começar, pois, sem que se reconheça o chão de uma história impressa não em papéis – ali onde a versão oficial nunca foi escrita com tinta preta e vermelha –, mas sobretudo nos corpos onde as letras são cicatrizes e que-loides que não se dão a esquecer e as palavras são construídas em uma língua que reúne dor e luta, como um par-rítmico sagrado no ritual que reivindica o significado de cada manhã. Esse chão, o chão do terreiro, o chão de cada quilombo, o chão da ginga, do canto, da vida é o lugar da resistência negra, a morada poética da “escrevivência” de Conceição Evaristo.

Este artigo se dedica a mostrar como Conceição Evaristo performa a mística do quilombo (EVARISTO, 2010a) por meio de uma poética que passa a assumir um sentido diverso do estabelecido pelo cânone ocidental. Nessa poética, a voz quilombola na literatura (EVARISTO, 2010a) é uma voz de resistência negra, na qual ecoa a ancestralidade afro-brasileira promovendo a progressiva concretização do que Homi Bhabha (1998) chamou de “direito de significar”.

O referente literário escolhido por nós para a exposição da trama poética da “escrevivência” evaristiana é *Olhos d’água* que pode ser assim apresentado, nas palavras de Heloísa Toller Gomes: “Sem sentimentalismos facilitadores, mas sempre incorporando à tessitura poética à ficção”, as narrativas tecidas por Conceição contam com “uma

significativa galeria de mulheres – Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaita”. E, mais adiante: “Sem quaisquer idealizações, são aqui recriações com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira” (GOMES, 2017, p. 9-10).

Nosso objetivo é mostrar como a “escrevivência” de Conceição Evaristo apresenta, poético-performaticamente, uma contranarrativa, na e pela linguagem, como expressão de um discurso decolonial que promove a desconstrução de imagens e alteração dos lugares reservados aos corpos negros, sob perspectivas epistemicidas e eurocênicas, renovando as perspectivas de reflexão das relações pautadas em critérios de raça, classe e gênero.

## A poética em Conceição Evaristo: perspectivas decoloniais na literatura afro-brasileira

É comum pensar a poética a partir da gênese teórica dos escritos de Aristóteles, onde, nos termos da *mimisis*, a poética compreenderia a representação de uma dada realidade o que, sob uma perspectiva de colonialidade (ou de “outrização”), constrói um *locus* universal da história dos vencedores (BENJAMIN, 2020), que desconsidera outras narrativas, outras histórias, com um apagamento de memórias de uma miríade de grupos e culturas (SELIGMANN-SILVA, 2019).

No contexto brasileiro, tem-se que, no período colonial, homens e mulheres negras não eram consideradas sujeitos, mas sim objetos, e, portanto, propriedade. Por esse desenho político-econômico, as negras e os negros escravizados compreendiam apenas a força produtiva e, no tocante às mulheres, além de trabalhadoras braçais, eram “objeto” de exploração sexual. Essa relação intersubjetiva pautada na dominação entre colonizador e colonizados abrange não somente aspectos de colonização física, mas também epistemológica, o que está ligado aos “esforços monoculturais, monorracionais, desvios ontológicos, epistemicídios, desarranjo das memórias e injustiças” (RUFINO, 2019, p. 81-82) que se praticam contra os corpos negros. O direito

de contar a história – para citar apenas esse – pertenciam exclusivamente ao “branco”, de modo que os efeitos desse binarismo permanecem no contemporâneo (SCHWARCZ, 2019; FONSECA, 2020), pois os descendentes de africanos sofrem discriminações por conta de raça<sup>2</sup> e classe, e as mulheres, além dessas, sofrem com a de gênero (GONZALEZ, 2020b; DUARTE, 2020).

Mas Lélia Gonzalez (2020a) lembra que, ao contrário do preconizado como narrativa hegemônica de cordialidade e como mito<sup>3</sup> de democracia racial, os escravizados e as escravizadas<sup>4</sup> faziam resistência à condição que lhes era imposta, seja de forma passiva por meio das mucamas e sua influência para a “africanização da cultura brasileira”, seja de forma ativa, com as revoltas armadas e os quilombos, assim entendidos enquanto “modo de resistência organizada do povo negro contra a superexploração de que *era objeto*” (GONZALEZ, 2020a, p. 51, grifo nosso). Também Rufino, fazendo coro com Lélia Gonzalez, “esse sistema não se sagrou vencedor, como bem quis, a dinâmica por aqui se deu de outra forma” (RUFINO, 2019, p. 81), referindo-se a uma pedagogia das encruzilhadas.

Ainda assim, embora seja incontestável a influência africana para a formação étnico-cultural brasileira e as construções históricas de uma poética corporal singular, não se podem negar as tentativas de apagamento (SELIGMANN-SILVA, 2019), como no caso das ideologias de branqueamento (NASCIMENTO, 2016) e da criação de estereótipos à imagem nas artes (EVARISTO, 2009; GONZALEZ, 2020a). Nesse cenário, a imagem fica circunscrita a uma “máscara” colonial (KILOMBA, 2019), ocupando o papel de “outra(o)”, descaracterizada(o) de sua dignidade humana e desprovida(o) de contar a “sua” história “por si” própria(o) (direito à fala).

Conceição Evaristo (2005, 2009, 2010a, 2020a, 2020b) elenca a “escrita de si”, a qual traduz no seu

projeto estético-político da “escrevivência”, por meio da qual autoras e autores negros se inscrevem na escrita por meio da vivência, marcada pela condição e subjetividade do corpo-sujeito negro. A autoria feminina negra é um ponto germinal para o conceito, porquanto o próprio fundamento da “escrevivência” reside no estereótipo da mãe negra presente desde os tempos coloniais no imaginário social brasileiro e, essa escrita, intrinsecamente ligada à condição de mulher negra, busca a desconstrução de imagens do passado – ou “imagens dialéticas” (BENJAMIN, 2020).

Nesse sentido, Grada Kilomba (2019), a partir dos pressupostos teóricos de bell hooks, delinea a sua concepção de autoria negra em referência às categorias sujeito e objeto. Segundo a autora, a escrita compreende a afirmação daquela(e) que, pelos contornos da colonialidade era considerada(o) objeto, em sujeito. Kilomba sustenta que a escrita, além de ser um “ato político”, é também um “ato de descolonização” do eu, por meio do qual, na dialética entre o passado (sistema político-econômico colonial) e o presente (racismo cotidiano), este que era objeto deixa o “lugar de outridade” e “torna-se” sujeito. Para ela, o “tornar-se” parte da conjugação, por meio da escrita, entre o se opor (resistir) à categoria de “outra(o)” e o se reinventar (KILOMBA, 2019, p. 28-29).

Dessa forma, a literatura afro-brasileira assume posição enquanto “estratégia de luta” (EVARISTO, 2010a), desvencilhando-se do binômio eu/outra com uma “des-outrização”,<sup>5</sup> por meio da qual emprega-se a desconstrução de “geografias e narrativas que instituem poderes centrais” (SELIGMANN-SILVA, 2019, p. 21). Pela linguagem, compete à autora e ao autor negra/o, “apropriar-se de sua história e de sua cultura, [e] reescrevê-la segundo a sua vivência” (EVARISTO, 2010a). Há, portanto, uma biopolítica de desconstrução de um lugar do corpo-negro, por meio da qual a

<sup>2</sup> Raça, aqui, é entendido como um construto social e não como um conceito biológico.

<sup>3</sup> Embora alguns intelectuais tratem a democracia racial enquanto um mito, a exemplo de Lélia Gonzalez (2020b), trata-se, em verdade, de um pacto. Confira-se, a esse respeito, Melo (2020).

<sup>4</sup> Adota-se, neste artigo, o termo “escravizada” ao invés de “escrava”, considerando que o primeiro remete à condição de desumanização que é imposta por outrem, ao passo que o segundo se refere a uma condição inata à pessoa (KILOMBA, 2019).

<sup>5</sup> O conceito de “des-outrização” foi teorizado por Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, no artigo “Des-outrização como método: Leho, a me ken de za”, integrante do catálogo da 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc\_Videobrasil: Comunidades imaginadas, de 2019 (SELIGMANN-SILVA, 2019).

história que tangencia essa classe irá subsidiar a sua resistência (BENJAMIN, 2020; KILOMBA, 2019), ressoando as vozes plurais de uma ancestralidade diaspórica (EVARISTO, 2010a).

O trauma colonial, com a sua desumanização, reflete na "escrevivência" evaristiana (FONSECA, 2020) por meio do quilombismo, com o "resgate da memória silenciada pelo discurso hegemônico" (DUARTE, 2020, p. 81). Este trauma, assim considerado como memória de um passado que ainda é presente, com episódios de racismo cotidiano (KILOMBA, 2019), se perfaz na literatura de testemunho com "a linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas", para, assim, se conferir "nova dimensão aos fatos antes enterrados" (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). Essa dimensão de uma linguagem poética, marcada pela "escrevivência", é marca ético-estética de Conceição Evaristo em sua produção literária; a exemplo da criação de palavras como "lamento-pranto", "gozo-pranto", "buraco-saudade", "corpo-coração", "gozo-dor", "águas-lágrimas", "corpos-histórias", "útero-alma", "alma-menina", dentre outras, e do "brutalismo poético" (DUARTE, 2020, p. 85) das construções para narrar uma ficção que é verdade.

Ademais, verificam-se construções discursivas de eventos que, pela poética utilizada, "toca" o elemento sensível a partir de uma perspectiva humana, construindo uma personagem cuja subjetividade e identidade é marcada pela violência do meio (e lugar) marginal em que se insere e "é inserida", conferindo nova tônica literária tendo em vista a forma pela qual essa narrativa é tecida. A exemplo do conto da menina Zaita, que, no percurso pelas suas dores e suas ausências, observa-se sua infância sendo interrompida em meio ao "barulho seco de balas [que] se misturava à algazarra infantil", após experimentar não "somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida" (EVARISTO, 2017, p. 76).

Por outro lado, a ressalva na própria perspectiva da narradora, que tem a voz de uma mulher negra,

reflete a "escrevivência" enquanto imagem de uma "autorrepresentação" (EVARISTO, 2005). A "escrevivência" ainda é marcada por uma ferida, pela qual "escrever é uma maneira de sangrar" (EVARISTO, 2017, p. 109), de modo que, para além de um horizonte de linguagem estético-hermenêutico, a "escrevivência" tem uma face política e histórica, traduzindo a resistência, a partir das vivências.

Essa experiência traumática, que reproduz uma memória colonial (KILOMBA, 2019; DUARTE, 2020), compreende, na poética de Conceição, um instrumental, uma estética literária, para se ressignificar – "ou significar" – perspectivas coloniais sob outro "olhar", por meio do direito à fala de um sujeito negro afrodescendente que, com o enaltecimento do componente étnico e cultural, afirma uma identidade (e a sua humanidade), a qual contradiz "o olhar negativo e com a estereotipia lançados ao mundo e às coisas negras"; de forma que, o sujeito negro, para além de ser o "protagonista do discurso", passa a ser, também, o "protagonista no discurso" (EVARISTO, 2010a, p. 134-135, grifo nosso).

### **Olhos d'água e a desconstrução imagética dos estereótipos da mulher negra**

Em *Olhos d'água*, Conceição apresenta uma heterogeneidade de personagens femininas que retratam experiências de silenciamentos, violências e abusos em vivências negras que transpassam a história. Assim, as personagens apontam, dos mais diversos ângulos e, de seu lugar de fala,<sup>6</sup> denunciam o cotidiano das mulheres afro-brasileiras marginalizadas, não mais como um mero objeto temático nos livros, mas como "enunciadoras" de suas próprias realidades. O conto inicial, homônimo à obra, demonstra através de uma prosa poética a vivência da narradora de identificar os olhos de sua mãe sempre marcados por lágrimas. A filha, com tom interrogativo, questiona a si mesma o fato de lembrar-se nitidamente de muitos detalhes do corpo da mãe, menos da cor de seus olhos:

<sup>6</sup> Em sua obra *O que é lugar de fala?* (2017), Djamilia Ribeiro explica-o como a reflexão acerca de quem pode falar, em um âmbito discursivo que dá voz aos grupos subalternizados, e como o local desses grupos implicam em suas vivências na sociedade.

Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, 2017, p. 18-19).

Esse sofrimento que marca gerações de mulheres negras, antes silenciado nas obras literárias brasileiras, o retrato da vida árdua de uma família e da luta pela sobrevivência, é o pano de fundo do conto, em uma narrativa em que a mulher/mãe é vista cozinhando um desejo de alimento, suas tentativas de "distrair a fome" e seus temores em dias de fortes chuvas: as inquietações de vidas marcadas pela desumanização e pelo silenciamento. Ao longo de todo conto, a voz narradora busca a cor dos olhos de sua mãe. Neste processo, "Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe" (EVARISTO, 2017, p. 18). Ao apresentar a descrição poética dos olhos, Conceição destaca a figura da deusa Oxum propondo a integração das religiões de matriz africana à "poética escreviente" dos corpos negros. A representação de Oxum é a de senhora de todas as águas, a deusa da beleza e da fertilidade: aquela que revela traços dóceis de uma mulher devotada aos cuidados com a casa, as crianças e a comida (DIAS, 2020).

A narradora, após reconhecer a cor dos olhos de sua mãe, tenta descobrir a cor dos olhos da filha, que possui uma figura de libertação no conto: "Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra" (EVARISTO, 2017, p. 19). Conceição, aqui, marca a destituição de uma vida antes subjugada, demonstrando que as personagens podem tornar-se protagonistas de suas próprias histórias. A auto-libertação é representada pelo espelho que, no mito de Oxum, é seu Abebé, e não mais reflete uma vida de contratempos e sim o futuro da filha,

como emancipação e libertação do silenciamento.

O que se vê, pois, é a estratégia de apresentação de uma "contranarrativa" a uma história na qual a participação de mulheres negras na literatura esteve condicionada às descrições de escritores brancos que, envoltos por uma perspectiva eurocêntrica, integraram em suas obras um discurso ancorado em imagens da mulher negra como a de um corpo como objeto de prazer, e/ou um corpo-procriação (EVARISTO, 2009), o que reflete a carga de estereótipos a que a sociedade subordinou-as pelos mais diversos meios de opressão e violação.

Etimologicamente, representar, do latim *repraesentare*, se dispõe como fazer ou tornar presente ou evidente, figurar como emblema, imagem ou símbolo. Nesse sentido, ao analisar-se a literatura como um modo de representação dos sujeitos, deve se considerar "quem é o outro" e qual é "seu espaço" na coletividade, visto que o acesso à voz por grupos sociais subjugados é extremamente relevante para concretizar a verbalização de suas vivências e desejos. Stuart Hall (2016), na obra *Cultura e representação*, ao tratar dos estereótipos, utiliza a descrição de Richard Dyer, que os classifica como as características de um indivíduo reduzidas a traços exagerados e simplificados, que quando são amplificadas a grupos de indivíduos, geram sua redução e essencialização. Assim, a estereotipagem é utilizada como "um instrumento de manutenção da ordem social e simbólica" (HALL, 2016, p. 192) e um meio de fazer separações entre "nós" e "eles".

Desse modo, ao refletir acerca da estereotipagem e a invisibilização de corpos negros, é possível perceber que estes são estigmas transcendentais ao campo literário, apresentando-se em áreas como o cinema (RODRIGUES, 2006) e as artes visuais,<sup>7</sup> uma vez que o racismo constitui um complexo imaginário social reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Como reflete nos mais diversos campos da vida em sociedade, trata-se de um fenômeno estrutural, pelo qual

<sup>7</sup> A tela *A redenção de Cam* (1895), de Modesto Brocos, é a expressão artística no país que representa a ideologia do "embranquecimento" da população durante o século XIX, pouco tempo após a instituição da República Brasileira. Outro exemplo é a tela *Uma senhora brasileira em seu lar* (1823), de Jean Baptiste Debret, que demonstra o negro como uma força escrava no trabalho doméstico. A obra compreende uma das diversas representações de Debret, cuja intenção era demonstrar uma relação de hierarquização entre raças.

cria-se a imagem do "outra(o)", ancorando-a em pré-conceitos e estereótipos (ALMEIDA, 2018).

Ao observar a representação de mulheres negras na literatura brasileira, tem-se diversos exemplos que demonstram a visão moldada pelo preconceito na cultura dominante, que se traduzem em obras consagradas no país:

Mulheres infecundas e perigosas como Bertoleza, animalizadas no interior da narrativa e que morre focinhando, ou como Rita Baiana, marcada pela sexualidade perigosa que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aloísio de Azevedo. Há ainda a mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais, cujo exemplo é a conduta sexual ingênua de Gabriela, em *Gabriela, Cravo e Canela*, (1958) de Jorge Amado (EVARISTO, 2009, p. 24).

É possível verificar, pois, na "escrevivência" de Conceição Evaristo, um "contradiscurso" às obras resultantes da cultura hegemônica, através das mais diversas vozes afro-brasileiras que, ao desconstruírem a posição de subalternidade ditada pelos padrões de uma sociedade preponderantemente masculina, branca e marcada pelo racismo, tomam para si o discurso e se autorrepresentam. As personagens da obra apresentam e atuam sobre a necessidade de decolonizar compreensões eurocentradas, em uma escrita que se dá como instrumento de ressignificação e desconstrução de estereótipos perpetuada pela resistência. Evaristo, aqui, traz ao debate a intersecção entre os conceitos de raça e gênero, que, para Kilomba (2019), ao serem separados mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos.

### A escrevivência enquanto estratégia político-discursiva de resistência

Apesar da suposta superação do projeto político do embranquecimento no Brasil, verifica-se, ainda, uma persistente tentativa de apagamento das contribuições culturais da população negra, especialmente quando essa ensaia se distanciar do lugar de subalternidade que historicamente lhe foi conferido. Especialmente em relação à mulher negra, houve a designação de sua tripla e limitada imagem: mulata, doméstica e mãe preta (GONZA-

LEZ, 2020b). A consequência direta das atribuições da mãe preta, no entanto, se deu em sentido contrário aos interesses da branquitude. Isso porque

[...] quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira, como diz Caio Prado Júnior. Essa criança, esse infans, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês (GONZALEZ, 2020b, p. 88).

Ainda que inegável a existência do "pretuguês", da infiltração negra na construção da identidade linguística do país, ao adentrarmos no território da produção literária, do exercício da escrita, é clara a recusa ao reconhecimento da existência de uma literatura afro-brasileira. Isso se dá, dentre diversos motivos, pelo fato de as produções literárias negras irem na contramão das representações de negros e negras a partir da chamada tradição canônica. A imagem por tanto tempo perpetuada do negro estereotipado, animalizado, hipersexualizado, servil e desprovido de linguagem é, em inúmeros aspectos, subvertida na literatura afro-brasileira.

Na medida em que o corpo negro recusa a limitar-se à condição de objeto de conhecimento para a literatura hegemônica e se estabelece enquanto uma fonte ativa de produção de conhecimento literário, há ruptura. De mesmo modo, na "reivindicação do lugar" de negro(a) escritor(a), há negação à subalternidade relegada. Nada obstante, existe a positividade intrínseca à literatura afro-brasileira, como "denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras", em uma concepção diversa a do "discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência" (EVARISTO, 2009, p. 25). Há, portanto, e não paradoxalmente, na produção literária negra, o interesse na "negação de uma tradição" produtora de desumanidades e da (re)afirmação e ressignificação de subjetividades negras, com repercussões políticas e históricas.

Nesse sentido, ao observar-se a "escrevivência" de Conceição Evaristo, verificamos um caráter de negação-afirmação (GOMES, 2017), que carrega no próprio neologismo (recurso extensamente

utilizado pela autora, especialmente a partir do uso do hífen) a condensação do simultaneamente relativo à escrita e à vivência. Por esse motivo, ainda na introdução de *Olhos d'água*, fala-se que, no decorrer da obra, a autora "inventa este mundo que existe" (WERNECK, 2017, p. 14), mundo esse conhecido e vivenciado por Evaristo, de modo que, no decorrer dos contos, verificamos o atravessamento da personalidade na sua ficção poética – apresenta-se, pois, a "escrevivência".

Assim sendo, apesar de todos os contos serem marcados por violências, discriminações e pobreza, há espaço para o desenvolvimento das subjetividades, desejos e sonhos, do íntimo. Com esse movimento, a autora se opõe ao constante processo de redução de negros e negras às suas opressões, abrindo espaço para a humanidade renegada de cada uma das personagens, todas as quais são ambientadas, assim como o filho de Natalina, "nos frágeis limites da vida e da morte" (EVARISTO, 2017, p. 50) e que, da mesma forma que Cida, correm "sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo" (EVARISTO, 2017, p. 66). Em face de tamanho dualismo literário, Eduardo Duarte (2020) fala em "brutalismo poético" na obra evaristana.

É o que se observa no "gozo-pranto" de Davenga, que era chefe, criminoso, grande, forte, bonito, homem, menino, com quem tudo era "tão doce, tão gozo, tão dor" (EVARISTO, 2017, p. 23), bem como no "buraco-saudade" do ex-homem de Maria, que falava de "dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte e despedida" (EVARISTO, 2017, p. 41) poucos momentos antes de assaltar o ônibus em que ela era passageira – a existência de personagens dotados de contradição. É nesse momento, em que se assegura a possibilidade de existir no mundo de forma contraditória e múltipla, com profundidade, que se garante a humanidade das personagens.

Certamente, ambos os contos citados são iniciados e findados com tragicidade. Por um lado, a angústia de Ana Davenga na procura, preocupada e incessante, por seu homem; por outro, Maria, com seu cansaço e sua mão cortada pela faca a laser, capaz de cortar até a vida. O fim de ambas, a morte (por forças policiais e

sociais, respectivamente). E, apesar da prosa curta, entre inícios angustiantes e fins trágicos, residem esperanças e alegrias: a primeira festa de aniversário de Ana Davenga, que havia recebido de surpresa do homem que amava e o anseio de Maria para entregar ao filho o recado carinhoso do pai, além da enorme curiosidade para descobrir se os meninos iam gostar de melão, fruto nunca experimentado por eles.

São várias as semelhanças entre Ana Davenga e Maria. Há, nesse sentido, o "afeto" direcionado aos seus respectivos homens, cujas personalidades existem para além da chamada vida criminosa. É o que se observa quando diz que Maria "não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto" (EVARISTO, 2017, p. 41). Nada obstante, na apresentação das personagens, observa-se que elas compartilham um lugar ocupado socialmente que lhes conferiram o costume da autoanulação. Pensa-se nos filhos, no homem, nas contas, no trabalho, na dor, na fome e nas preocupações de tal maneira que são colocadas em último plano – não que esqueçam de si, mas também não sabem por que lembrar (EVARISTO, 2017).

Importante frisar, entretanto, que a memória na obra de Evaristo não se limita à individual, há, ainda, influência da "memória coletiva", relativa à população africana escravizada e de seus descendentes, como se observa no conto "Ayoluwa, a alegria de nosso povo". Dessa forma, os rastros deixados na escrita são, além de biográficos, "diaspóricos", excedendo a pessoa da autora e estendendo-se a toda a população afro-brasileira. É nesse momento que se verifica o caráter intransferível da "escrevivência", que assim se estabelece por partir de um lugar de subjetividade e personalidade. Em uma perspectiva decolonial, pode-se afirmar que a "escrevivência" se opõe à ideia de ponto zero do conhecimento, reconhecendo-o enquanto geopoliticamente localizado. A "escrevivência", como já mencionado, tem classe social, raça e gênero e não se ambiciona neutra. Pelo contrário, é um meio canalizador da voz de uma mulher afro-brasileira periférica

que decidiu ir além da mulata, da doméstica e da mãe preta para “ressignificar o seu lugar” e de suas semelhantes, enquanto um movimento necessariamente coletivo. É o que se observa quando Evaristo fala sobre Carolina Maria de Jesus ter inspirado sua mãe, igualmente negra e favelada, a escrever “também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela” (EVARISTO, 2010b, p. 13).

Compreende-se, assim, a “escrevivência” enquanto um mecanismo de “resistência no campo político-discursivo”, do “espaço não-negociável da língua e da linguagem que a cultura dominante pretende exercer sobre a cultura negra” (EVARISTO, 2009, p. 22). Trata-se da reivindicação de um espaço negado no campo de uma linguagem que também construiu. Desse modo, as personagens de *Olhos d'água*, como nas produções literárias afro-brasileiras de maneira geral, são encarnações do “negro vida”, apresentado por Guerreiro Ramos:

Há o tema do negro e há a vida do negro. [...] O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (RAMOS, 1995, p. 215).

O campo disputado através da “escrevivência” contraria não apenas a exclusividade da literatura aos grupos abastados, mas a própria noção acerca da população negra brasileira no imaginário social diante da dinamicidade da história. A “escrevivência”, na medida em que recusa o “negro-tema” e incorpora o “negro-vida”, é negação-criação, denúncia-celebração.

## Considerações finais

*“Ao poeta que nos nega*

*Enquanto a inquisição  
interroga  
a minha existência,  
e nega o negrume  
do meu corpo-letra,  
da minha escrita,  
prossigo.*

*Assunto não mais  
o assunto  
dessas vagas e dissentidas  
falas.*

*Prossigo e persigo  
outras falas,  
aquelas ainda úmidas,  
vozes afogadas,  
da viagem negreira.*

*E, apesar  
de minha fala hoje  
desnudar-se no cálido  
e esperançoso sol  
de terras brasis, onde nasci.  
o gesto de meu corpo-escrita  
levanta em suas lembranças  
esmaecidas imagens  
de um útero primeiro.*

*Por isso prossigo.  
persigo acalentando  
nessa escrevivência  
não a efigie de brancos brasões.  
sim o secular senso de invisíveis  
e negros queloides, selo originário,  
de um perdido  
e sempre reinventado clã.”  
(Conceição Evaristo)<sup>8</sup>*

Nossas considerações finais invocam, como em um ritual de oferendas, um poema-epigrafe, essa palavra que nos remete às inscrições, em

prosa ou verso, grafadas sobre as tumbas ou lápides para lembrar a memória dos mortos. Porque esse “escrever por cima de” se conecta, aqui, à própria poética de Conceição Evaristo, lançada sobre os rastros de uma herança ancestral afro-brasileira. E se é verdade que as primeiras letras da humanidade foram raspadas na pedra ou na argila, a escrita de Conceição Evaristo é um eco das inscrições que se fizeram nos corpos negros. Uma poética que não é, pois, *mimesis*, mas o eco das vozes desses corpos mortos-vivos.

Um poema-epígrafe que não pode, aqui, ocupar as margens do texto. Ele é o corpo e a voz da escrita de uma autora que persiste na reinvenção e ressignificação de corpos e vidas afro-brasileiros. É nesse eco que reside o que Conceição Evaristo “escrevivências”, apresentadas ao leitor a partir de um conjunto de narrativas constituídas através de sua perspectiva autoral feminina e negra, que se coloca sempre como herdeira de uma afrodescendência, buscando evidenciar vidas e corpos apartados de suas origens, vozes afogadas em navios negreiros, desfazendo silêncios, invisibilidades, reforçando identidades e auto representações, atenta às suas múltiplas caracterizações: classe, gênero e raça, todas em diálogo na constituição de suas narrativas e personagens.

Na tessitura de *Olhos d'água* vimos como as personagens criadas são fortemente influenciadas pela própria experiência da autora, que foi igualmente submetida às condições de miséria e discriminação, de modo que os contos são marcados por rastros de sua vida. Ao ter acesso a relatos de Evaristo sobre sua vida, sua família e infância, passa-se a enxergar em sua ficção poética as angústias, apreensões e alegrias por ela vividas, de modo a confundir os olhos d'água da mãe da personagem com os olhos de sua mãe.

A partir de uma escrita (des)construída (ou sangrada) ao redor de vidas subalternizadas, invisibilizadas e costuradas com “fios de ferro”, Evaristo demonstra ao que se propõe a “escrevivência”, em suas dimensões que extrapolam o aspecto estritamente ficcional, consubstanciando-se em uma poética do que vive e reivindica a vi(n)da justiça: Nas palavras da autora: “A nossa *escrevivência* não

pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para *incomodá-los em seus sonos injustos*” (EVARISTO, 2020a, p. 30, grifo nosso).

Pela memória – que é também coletiva e, por isso, diaspórica – a história que constitui esse corpo-sujeito-negro com o seu “eu” no mundo, é narrada de forma heterogênea, transmitindo a ideia de formação pautada na diversidade e na libertação, a partir da resistência. Na linha de Homi K. Bhabha, o direito de significar mencionado por Conceição Evaristo, e também considerado por bell hooks e Grada Kilomba, é direito do “sujeito negro”, de maneira que “as formas de identidade social devem ser capazes de surgir dentro-e-como a diferença de um-outro e fazer do direito de significar um ato de tradução cultural” (BHABHA, 1998, p. 322). Nessa guerra de imagens (BENJAMIN, 2020), a “poética da escrevivência” ou a “escrevivência poética”, assume, portanto, uma dimensão performática, para além de pedagógica (DUARTE, 2020), empreendendo uma “desterritorialização” no discurso literário brasileiro.

Mas essa guerra está longe de ter fim...

## Referências

- ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*: edição crítica. Organização e tradução Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B08KYG44CT>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DIAS, Luciana de Oliveira. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. *Articulando e Construindo Saberes*, Goiânia, v. 5, 20 out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/racs.v5i.63860>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiáspórica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 74-94.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna iberistica*, Veneza, v. 37, n. 102, p. 259-279, dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14277/2037-6588/29p>. Acesso em: 5 dez. 2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vi)ência de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia: Editora Universitária UFPB, 2005. Livro não paginado.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 5 dez. 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010a. Livro não paginado.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória*. Belo Horizonte: FELE/UFGM, 2010b. p. 11-17.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-73.

GOMES, Heloisa Toller. "Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro". In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 9-11.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a. p. 49-64.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b. p. 75-93.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e revisão técnica Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MELO, Alfredo Cesar B. de. O texto e o pacto: estratégias discursivas em Casa-grande & senzala para pactuar a democracia racial. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 1, n. 77, p. 108-125, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/178745>. Acesso em: 7 dez. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

RAMOS, Guerreiro. Patologia Social do "Branco" Brasileiro. In: RAMOS, Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. p. 215-240.

REPRESENTAR. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/representar>. Acesso em: 13 mar. 2021.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, João Carlos. *O negro brasileiro e o cinema*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTANA, Roseli Gomes. A imagem do negro nas artes visuais do Brasil: Virada de paradigma, desafios e conquistas no ensino de história e cultura afro-brasileira. *Sinergia*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 123-133, 31 dez. 2017. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/sinergia/article/view/305>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Decolonial, des-outrização: imaginando uma política pós-nacional e instituidora de novas subjetividades. In: DUARTE, Luisa (org.). *21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc\_Videobrasil: Comunidades Imaginadas – Leituras*. São Paulo: Sesc: Associação Cultural Videobrasil, 2019. p. 20-44.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>. Acesso em: 10 dez. 2020.

WERNECK, Jurema. Introdução. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 13-14.

---

## Luciana Pimenta

Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil; mestre em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil; bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bem como em Direito, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil; professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

---

### Luísa Consentino de Araújo

Bacharel em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), em Piracicaba, SP, Brasil.

---

### Maria Luíza Simplicio Rodrigues

Graduanda em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

---

### Yanca Abreu Câmara

Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

Luciana Pimenta  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Faculdade Mineira de Direito – Prédio 5  
R. Dom José Gaspar, 500  
Coração Eucarístico, 30535-901  
Belo Horizonte, MG, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*